

LAZER E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE LICENCIATURA E BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Recebido em: 03/04/2013

Aceito em: 12/11/2013

Rodrigo de Oliveira Gomes¹

Hélder Ferreira Isayama²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar o trabalho desenvolvido nas disciplinas relacionadas ao Lazer dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física de Instituições de Ensino Superior públicas e privadas de Belo Horizonte/MG. Foram combinadas as pesquisas: bibliográfica e de campo em uma abordagem qualitativa de investigação. O instrumento para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada realizada com os docentes das disciplinas sobre lazer. Para o tratamento dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática. Pude constatar que o limite expresso na concepção sobre o lazer dentro da diferenciação entre as modalidades: licenciatura e bacharelado na Educação Física, é anunciada apenas na questão dos campos de atuação profissional. Desta forma, o entendimento sobre lazer: seus conteúdos, interesses, histórico, concepções e significados é algo comum para ambas as modalidades. Além disso, há maior ênfase dos estudos sobre o lazer nos cursos de bacharelado.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Currículo. Educação Física e treinamento.

LEISURE AND TRAINING: A STUDY AND BACHELOR DEGREE IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: This study aims to analyze the work in disciplines related to the Leisure courses and bachelor's degree in Physical Education in Higher Education Institutions Public and private Belo Horizonte / MG. Were combined research: bibliographical and field on a qualitative research approach. The instrument for data collection was a semi-structured interview with the faculty of the subjects on leisure. For the data processing we used the technique of thematic content analysis. I could see that the limit expressed in the design of the leisure within the differentiation between modalities: Bachelor degree in Physical Education and is announced only on the question of the fields of professional activity. Thus, the understanding of leisure: their content, interests, history, concepts and meanings is something

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (interdisciplinar) da Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciado em Educação Física. Pesquisador do Oricolé – Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer.

² Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer pela Unicamp. Docente do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Lazer da UFMG Líder do Oricolé – Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer da UFMG. Membro do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL/Unimep).

common to both modalities. In addition, there is greater emphasis of leisure studies in bachelor.

KEYWORDS: Leisure Activities. Curriculum. Physical Education and training.

1. Introdução

Nas últimas três décadas a Educação Física vem passando por mudanças que legitimaram suas teorias, espaços de ação, metodologias e perspectivas de formação e atuação profissional. Essas mudanças, não aconteceram de forma estanque e pré-determinada, pelo contrário, os movimentos de renovação da área ocorreram por todo o país, atrelados às perspectivas de autonomia das universidades, das articulações do mercado de trabalho e da crescente preocupação por melhoria da qualidade de vida associada ao lazer, esporte, saúde e atividade física.

O lazer neste contexto, também sofreu expressivas mudanças na produção de seus sentidos, significados, conceituações, abordagens e intervenções dentro e fora das universidades. Historicamente associado à Educação Física, a priori pelo viés da recreação e posteriormente pelas correntes sociológicas e antropológicas, se constitui, como área multidisciplinar. As discussões sobre o lazer não se restringem a um pensamento utilitarista de suas práticas. São lançados caminhos para enxergá-lo como artefato cultural e prática social contextualizada que possui um currículo próprio com incertezas, possibilidades e formas dos sujeitos encontrarem-se no mundo.

Pouco tem sido discutido sobre a ênfase dada a tal processo, especialmente diante a diferenciação da área (licenciatura e bacharelado) da Educação Física através da formalização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica – Resolução CNE/CP nº 1/2002, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física – Resolução CNE/CES nº 7/2004.

Neste sentido, os saberes produzidos, inventados e/ou legitimados sobre o lazer nos cursos de graduação em Educação Física podem se transformar em ferramenta de emancipação social para superação dos problemas existentes, ou de alienação dos indivíduos na conformidade e aceitação passiva de “verdades” cristalizadas em currículos, tornando-se importante analisar as relações que são estabelecidas neste contexto.

Este estudo teve como objetivo analisar o trabalho desenvolvido nas disciplinas sobre Lazer dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física de IES públicas e privadas em Belo Horizonte/MG que ofereciam as duas modalidades concomitantemente. Portanto,

buscamos compreender a formação em lazer oferecida em cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física, analisando suas diferenças, similaridades e finalidades como também discutir as relações entre os discursos e as práticas na aplicabilidade dos programas das disciplinas sobre o lazer.

A pesquisa foi realizada tendo como justificativa a necessidade de compreensão de que ao separar as modalidades (licenciatura e bacharelado) interesses, valores, conflitos, teorias, conteúdos, linguagens e fundamentações emergem e se tornam significativos nas suas inter-relações com o mercado de trabalho, com a comunidade acadêmica e principalmente com a atuação profissional no âmbito do lazer. Além disso, essa orientação profissional demanda estudos e pesquisas que aprofundem reflexões sobre as construções curriculares que interferem no cotidiano de ação dos sujeitos da Educação Física que pretendem atuar no lazer.

Investigar o lazer nos currículos da Educação Física, na atualidade, nos instiga entender seus contextos e conseqüentemente o desejo de materializar teorias que rompem com o *status quo* vigente sem impor regras ou “verdades” absolutas, pelo contrário, a tentativa é pensar o contexto em suas diferentes manifestações, que implicam a vida dos sujeitos e as lógicas de atuação no mercado.

2. Procedimentos Metodológicos

Para os procedimentos metodológicos utilizamos a revisão de literatura como técnica da pesquisa bibliográfica. O levantamento teórico foi realizado no acervo bibliográfico do grupo de pesquisa Oricolé (Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer) da UFMG, nos sistemas de biblioteca digital e no sistema de bibliotecas da UFMG, nos sites de busca acadêmica (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD, Biblioteca Científica Eletrônica – *Scielo*, entre outros) e no Portal de periódicos CAPES.

A pesquisa de campo ocorreu através da aplicação de entrevistas. Optamos pela entrevista semi-estruturada que de acordo com Triviños (1987) parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses interessadas à pesquisa, e que em seguida, ofereçam um campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Para selecionar os sujeitos da pesquisa foi necessário, primeiramente, identificar as Instituições de Ensino Superior que ofertavam cursos de Educação Física com ambas as modalidades (licenciatura e bacharelado). Desta forma, utilizamos como ferramenta de busca,

o e-MEC³. Verificamos a existência de noventa e cinco (95) instituições em Minas Gerais que ofertavam cursos de Educação Física. Destas, quarenta e quatro (44) apresentaram simultaneamente as duas habilitações. Na cidade de Belo Horizonte havia cinco (05) instituições ofertando cursos de Educação Física nas duas modalidades de forma presencial.

Para selecionar a amostra da pesquisa entramos em contato com os Coordenadores de curso solicitando via email as grades curriculares dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física. Nesta fase, obtivemos retorno de quatro das cinco universidades. Para manter o anonimato e pensando em uma perspectiva de integridade das informações, caracterizamos as instituições participantes da seguinte forma: Universidade Azul; Universidade Branca; Universidade Amarela e Universidade Verde.

Durante a análise das grades curriculares foi possível visualizar o universo das disciplinas ofertadas em cada curso. Para selecionar os programas pertinentes à pesquisa utilizamos como critério termos-chaves expressos nas nomenclaturas das disciplinas, tais como: lazer, recreação, jogos, brinquedos e brincadeiras. Decidido, descartar as disciplinas optativas elegendo apenas aquelas obrigatórias.

Desta forma, 11 programas de disciplinas foram catalogados, possuindo as seguintes denominações e respectivas cargas-horárias semestrais: Na Universidade Azul - “Educação Física e lazer” (45 h/a); “Jogos, brinquedos e Brincadeiras” (45 h/a) e “Formação e atuação profissional em lazer” (45 h/a). Na Universidade Branca - “Jogos, brinquedos e brincadeiras” (45 H/A); “Fundamentos do lazer” (64 h/a), “Lazer e cultura” (64 h/a), “Lazer, exercício físico e saúde” (64 h/a) e “Educação para o lazer” (64 h/a). Na Universidade Verde - “Jogos” (45 h/a) e “Lazer e recreação” (45 h/a). Na Universidade Amarela - “Teoria e prática da Recreação e lazer” (80 h/a).

Novo contato foi feito com os coordenadores de curso solicitando entrevista com os professores das disciplinas elencadas na fase anterior de coleta. As entrevistas foram realizadas com 09 sujeitos (03 professores da Universidade Azul, 03 professores da Universidade Branca, 02 professores da Universidade Verde e 01 professor da Universidade Amarela). Um professor não participou da pesquisa por incompatibilidade de agenda. As entrevistas foram realizadas no período de janeiro a março de 2013 conforme disponibilidade dos sujeitos. A maioria concedeu sua fala nos próprios espaços de atuação, salvo uma que foi

³Sistema integrado de informações sobre abertura, credenciamento e regulamentação de cursos superiores no Brasil, presente no site do Ministério da Educação e em funcionamento desde janeiro de 2007. In: <http://emec.mec.gov.br/> acesso em 18 de maio de 2011.

realizada na residência do voluntário e outra na sala do Oricolé (Laboratório de Pesquisa sobre formação e atuação profissional em Lazer) na EEEFTO/UFMG.

Procuramos permitir condições aos professores entrevistados discorrer sobre suas experiências, saberes e entendimentos a partir da esquematização de um roteiro de perguntas focalizado na relação temática: lazer, licenciatura, bacharelado, mercado de trabalho, formação profissional, currículo e Educação Física. Dessa forma, o informante teve a possibilidade de respostas espontâneas e livres e as questões do roteiro foram legitimadas após utilização de um pré-teste com um professor convidado e voluntário que não fazia parte do universo de amostragem da pesquisa.

As questões procuravam abranger: o contexto de atuação do professor universitário na Educação Física; os aspectos significativos de sua trajetória de formação para a área de estudos do lazer; seu envolvimento com a docência do ensino superior relacionada ao lazer; as características principais da formação em lazer para um licenciado e para um bacharel em Educação Física; a existência ou não de questionamentos sobre o mercado de trabalho e atuação profissional em lazer pelos alunos; as abordagens teóricas e metodológicas das disciplinas relacionadas ao lazer para a licenciatura e para o bacharelado em Educação Física e se existem diferenças; as percepções sobre os currículos construídos por suas instituições; a necessidade ou não de diferenciação dos programas das disciplinas para as modalidades.

Desta maneira, foram selecionadas dez questões a priori e durante a coleta dos dados outras surgiram como necessidade circunstancial para ampliar o entendimento sobre o tema de cada questão feita. Antes do estabelecimento da entrevista, os professores receberam as devidas orientações sobre os objetivos da pesquisa e foi solicitada assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme aprovação no Comitê de Ética e pesquisa da UFMG.

A organização das entrevistas em documento transcrito possibilitou um melhor preparo do trabalho de apreciação das informações, uma vez que permitiu que o conteúdo fosse examinado pela técnica de análise de conteúdo. Apoiados em Bardin (2009) organizamos a análise nas seguintes fases: pré-análise; exploração do material e tratamento/ interpretação dos resultados. Na pré-análise tomamos como princípio o desenvolvimento das ações operacionais e sistemáticas sobre as ideias iniciais do contexto da documentação estabelecida. Formulamos as hipóteses e os objetivos e ao fim desta primeira etapa construímos os indicadores que fundamentaram a interpretação sequencial.

Na fase de exploração do material codificamos e categorizamos as informações das entrevistas de forma qualitativa. Em um primeiro momento organizamos as informações dos

discursos dos sujeitos procurando aprofundar o conteúdo das mensagens na expectativa de criar pontos de interseção e divergência com os documentos elencados na pré-análise. Procuramos mapear os discursos dos sujeitos a partir das temáticas levantadas, criando as seguintes categorias de análise: Sujeitos da pesquisa; Temática do lazer nos programas das disciplinas; Abordagens metodológicas; Tensões curriculares e lazer.

No tratamento e interpretação dos resultados a expectativa foi alcançar pressupostos teóricos que contribuíssem com o ampliar das discussões sobre o lazer no campo curricular da Educação Física marcado pelas relações de poder como artefato cultural. Neste sentido a matriz de interpretação apontou para o elemento subentendido das mensagens, no qual pudemos organizar os conhecimentos adquiridos relacionando-os com a realidade sociocultural, buscando perceber os sistemas de ideias, as intenções, os interesses e privilégios na construção e execução dos programas das disciplinas relacionadas ao lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física pela voz dos sujeitos entrevistados.

Portanto, não foi objetivo deste estudo estabelecer uma análise documental dos programas escritos de cada disciplina. Utilizamos os programas como suporte teórico para estabelecer amarras, interlocuções e contrapontos com as entrevistas. Elegemos como análise a voz dos sujeitos entrevistados e suas implicações no contexto social da Educação Física e do lazer marcados pela diferenciação entre licenciatura e bacharelado.

3. Resultados e Discussão

Os dados provenientes da análise de conteúdo temática construíram eixos de categoria cuja intencionalidade recaiu em não apenas descrever a aparência do fenômeno como também sua essência procurando explicar sua origem, suas relações e suas mudanças no esforço por intuir sobre o trabalho relacionado ao lazer dentro dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física. Desta forma, trazemos como eixos de análise as categorias: Sujeitos da pesquisa; Temática do lazer nos programas das disciplinas; Abordagens metodológicas e Tensões curriculares e lazer.

A primeira categoria analisada foi as considerações sobre os sujeitos da pesquisa tomando como unidade de registro as enunciações que ressonaram acerca da formação pessoal, compreensão sobre o campo, relação com a docência e visão sobre os discentes. De acordo com Nunes (2001) as pesquisas sobre formação e profissão docente precisam apontar para a compreensão da prática pedagógica do professor, que é o mobilizador de saberes profissionais. Interpretamos os sujeitos dessa pesquisa em suas trajetórias através das

reflexões sobre seus conhecimentos e pelo empenho de utilização de suas experiências, olhares, caminhos formativos e profissionais dentro dos discursos sobre os programas de suas disciplinas relacionadas ao lazer.

Apenas um dos professores entrevistados não possui formação inicial em Educação Física. Esse sujeito possui graduação em psicologia e seu envolvimento com a temática do lazer surgiu pela demanda de estudos sobre qualidade de vida no trabalho em empresas. Em sua trajetória tornou-se pesquisador e pode conhecer outras vertentes de pesquisa sobre a temática do lazer através do comprometimento em um programa de pós-graduação na área da educação.

Sobre os demais docentes, a formação inicial é a Educação Física, caracterizada pelo envolvimento com o lazer por meio de experiências na área da recreação. Nesse sentido, concordamos com Werneck (1998), quando aponta que a recreação durante todo o século XX constituiu-se dentro dos saberes da Educação Física como disciplina relevante nos currículos brasileiros, principalmente em função do privilégio concedido às atividades físicas nos programas pioneiros de recreação nas cidades, à constituição inicial de profissionais ligados ao campo, bem como à inspiração metodológica norte-americana sobre ocupação do tempo livre dos trabalhadores.

Melo (2003) lembra que a história das relações entre Educação Física e Recreação se estabeleceram de forma intensa no âmbito da formação profissional permeada por diversos dilemas curriculares que até hoje, mesmo em outros contextos, ainda se fazem presentes nas discussões sobre o lazer para além da superficialidade técnica reprodutiva de atividades recreativas. Deste modo, observamos a tradição recreativa no perfil da formação inicial desses professores, que trilharam suas graduações entre as décadas de 1980 e 1990.

Na verdade, assim, eu me formei em 84 e entrei na universidade em 81 e nós tínhamos uma disciplina chamada “Recreação” era isso! Que nada mais era do que um monte de... Assim... A passagem de jogos e brincadeiras pra gente na nossa... Bom era isso (E3).

Na minha graduação eu não tive uma disciplina sobre lazer, o conteúdo que eu tive foi ligado à recreação, porque eu formei há vinte anos. Então têm vinte e quatro anos que eu iniciei a minha licenciatura. Eu comecei em 89, então o lazer não esteve presente em minha formação como uma temática de estudos (E4).

Portanto, uma marca de formação básica da maioria dos professores entrevistados foi a recreação. É importante ressaltar que ao longo da carreira desses indivíduos a formação continuada favoreceu a ampliação dos horizontes acadêmicos e profissionais na perspectiva da problematização sobre o lazer, chamando atenção a processos que tentam mascarar as

adversidades sociais através de um entendimento sobre o lazer com pequeno aprofundamento sobre suas teorias e práticas.

Conseqüentemente os entrevistados carregam valores e aprendizagens desse processo em suas trajetórias de envolvimento na área mostrando que a Educação Física tem se apropriado com maior profundidade das problematizações sobre o lazer através de correntes antropológicas, sociológicas, políticas e culturais. Ficou evidenciado que os professores compreendem o lazer como um campo de estudos constituído em suas diferentes possibilidades de pesquisa e investimentos.

Neste sentido, temáticas “silenciadas” na Educação Física começam a ser discutidas no âmbito das propostas do Lazer, advindas das ciências humanas e sociais através de metodologias que procuravam romper com a tradição prática presente nas disciplinas. Cabe ressaltar que tais implicações históricas na constituição do campo do lazer interferiram na identidade dos currículos dos cursos de Educação Física. Ao evidenciar o lazer através das ciências humanas outras possibilidades de pensar o corpo, os espaços, os equipamentos e a própria atuação profissional em Educação Física passaram a fazer parte do contexto. Este processo ampliou os debates acadêmicos que de forma geral, limitavam os cursos apenas às técnicas esportivas, ao treinamento de alto rendimento e a um pequeno tratamento das discussões pedagógicas.

Assim é verificado nos discursos dos sujeitos um marco de experiências que os constituíram dentro da Educação Física legitimando o lazer como campo de estudos e intervenção profissional que afeta a confecção dos programas de suas disciplinas e as maneiras pelas quais se posicionam perante os currículos. Por isso, entendemos que interpretar os saberes docentes é algo fundamental nesse processo. As relações hegemônicas e contra hegemônicas na construção dos currículos e programas das disciplinas configuram as possibilidades da atuação profissional que podem levar os sujeitos a diferentes formações no campo da Educação Física.

Portanto, os saberes profissionais são variados e heterogêneos porque formam repertório de conhecimentos através das características destes professores. Tardiff (2000) explica que é raro o professor trabalhar apenas uma concepção, teoria ou prática de forma isolada. São múltiplas relações e articulações que surgem pela demanda da confrontação de diferentes olhares sobre um mesmo objeto de estudo. Entendemos que essa premissa deve partir do próprio docente, por isso, desenvolver diferentes percepções sobre teorias, práticas e acontecimentos faz parte do processo de ensinar e aprender.

Assim, o saber é caracterizado como artefato social, submetido a diferentes compreensões e juízos de valor que são construídos pela troca de conhecimentos entre os sujeitos. Essa interação, manifestada dentro do contexto da sala de aula, apresentará importância na crescente abertura do processo de questionamento e reflexão. Nos discursos dos entrevistados foi recorrente a caracterização sobre os discentes no processo de ensino e como o perfil geral dos alunos interfere no planejamento dos programas das disciplinas.

Levamos em conta o contexto no qual se constroem e se aplicam os saberes dos programas analisados dentro da percepção dos professores sobre os alunos, pois estes professores possuem, em virtude da sua experiência de vida, saberes próprios que são influenciados por questões culturais e pessoais nas relações com seus alunos.

Aqui nós recebemos um público que é um público, que a gente pode falar de C e D talvez, sem querer estigmatizar também os alunos, mas a gente consegue identificar que é o pessoal que muitas vezes é trabalhador, que trabalha para pagar a faculdade e eles não construíram no decorrer da vida deles uma visão mais política, eles não são muito politizados no sentido de pensar no bem comum ou no bem deles próprios, não tem essa visão de criticidade, embora o tempo todo a gente tente passar isso pra eles né? Pelo menos eu tento sempre nas aulas, nas conversas! (E6).

Eu acho que na verdade o aluno é mal preparado na escola porque a gente vai encontrar na faculdade, então chega à faculdade você fica muito também, muito vinculado ao que você já faz, então o cara fica pensando muito no que ele é hoje, não pensa muito lá na frente, então ele não questiona muito isso. Eu acho que ele faz uma escolha muito mais próximo do que ele tem naquele momento como vivência da área da educação física do que às vezes por escolha mesmo (E8).

De modo geral a percepção sobre os alunos aponta três ideias: A primeira relacionada a uma realidade de formação básica que não o qualifica para discussões mais complexas no ensino superior; A segunda que diz respeito à dificuldade e baixo interesse dos alunos por leituras de textos relacionados às diferentes temáticas do lazer e a terceira relacionada a uma visão acrítica e apolítica, de uma parcela dos graduandos, sobre a Educação Física e o lazer.

É preciso considerar o desenvolvimento da área nas últimas décadas e o espaço do lazer nessa discussão para compreender os objetivos, as características, as teorias, as práticas e os conteúdos selecionados por estes sujeitos em seus planejamentos de ensino. A seguir apontamos elementos para a construção dos programas das disciplinas em sintonia com as transformações no âmbito da Educação Física e do lazer. Nestas transformações, torna-se importante pensar o lazer como um campo de conhecimentos teóricos e práticos que se consolida por meio da docência, tanto na escola quanto nos demais espaços de ação educativa e prática social.

A segunda categoria de análise: “A temática do lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física” nos faz refletir sobre as características, práticas, teorias e relações do lazer com o mercado de trabalho. Evidenciamos as argumentações que foram repetidas pelos docentes do ponto de vista de suas vivências, experiências e opiniões sobre a temática do lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física.

Primeiramente, foi constatado que a estruturação disciplinar do lazer na graduação em Educação Física está evidenciada com maior ênfase na modalidade bacharelado. As grades curriculares possuem disciplinas como: “Educação para o lazer”; “Lazer, exercício físico e saúde”; “Lazer e Cultura”; “Formação e atuação profissional em Lazer”. Estas foram citadas ao longo das entrevistas como temáticas pertinentes ao profissional que vai atuar fora da escola.

Neste sentido, não foi mencionada nenhuma disciplina específica sobre o lazer para a licenciatura. O que existe nas grades curriculares é um primeiro programa de disciplina introdutório e comum para licenciados e bacharéis, geralmente com uma carga horária que tem em média: sessenta horas semestrais, e apresenta discussões gerais sobre recreação e lazer. Isso possibilita as primeiras aproximações com o debate no campo de estudo da área, mas ao fixar apenas essa possibilidade inicial de estudos sobre a temática, limita as experiências e impede que outros conteúdos sejam considerados na formação do licenciado.

Desta forma, o bacharel adquire olhares sobre a temática do lazer que lhe permitirá suporte a outras abordagens durante sua graduação e o aluno da licenciatura fica limitado a esse contato inicial, o que pode minimizar as intervenções sobre o lazer no âmbito da educação formal em Educação Física, impossibilitando práticas dentro da escola e em outros espaços de educação que vinculem o lazer a diferentes questões sociais, econômicas, culturais e políticas na promoção e qualidade da educação.

Neste sentido, a temática do lazer amplia-se dentro dos bacharelados em Educação Física e limita-se nas licenciaturas, por isso, é necessário pensar outras propostas sobre o lazer para a licenciatura. Marcellino (1990) evidencia a necessidade do lúdico nas escolas brasileiras como um componente da cultura atribuindo-lhe um duplo aspecto educativo: como veículo e como objeto de educação. E nesta lógica uma área que pode contribuir é a Educação Física, pois trata da temática em sua matriz curricular, mesmo não tendo o aprofundamento necessário.

Creio que para pensar o lazer como veículo de educação precisamos qualificar sua mediação, compreendendo-o como um artefato cultural que pode levar os sujeitos a refletirem sobre mudanças sociais. Marcellino (1990) lembra que para o desenvolvimento de ações de

lazer, seja no plano da produção ou do consumo não conformista e crítico, é necessário o aprendizado. E neste sentido, é importante a mediação de um professor/profissional que estimule o aprendizado e a introdução aos conteúdos culturais na expectativa da passagem de níveis simples para complexos na forma de pensar e vivenciar o lazer. Desta forma, é possível romper com o conformismo expresso nas práticas sociais que não estimula crianças, jovens e adultos a pensarem seus direitos.

A formação do professor/profissional da Educação Física pode se sustentar em processos de aprendizagem na escola e em outros espaços (a família, a igreja, os clubes, as academias, os acampamentos, entre outros). Desta forma, podem ser espaços privilegiados para atuação pensando o lazer como um elemento da cultura e que pode educar para as sensibilidades, os valores, as incertezas, as reflexões, a criatividade através de uma imersão profissional política, científica e cultural.

Alguns entrevistados destacaram a dificuldade de diferenciar licenciatura de bacharelado em Educação Física e apontam as fronteiras resultantes dessa questão ao lidar com os conteúdos em sala de aula.

A verdade é que essa diferenciação não fica de todo clara, tenho que falar, porque licenciado e bacharel, às vezes para os próprios professores é uma bagunça. Por que limita a atuação profissional, tanto do bacharel como do licenciado. Podemos falar que o licenciado teria que trabalhar mais dentro de uma lógica, de uma pedagogia mais educativa escolar, mas para ser bem certo, eu acredito que isso não acontece necessariamente. Eu sempre tento vincular com a formação própria deles, mas fica um pouco confuso, porque a pergunta é: “o bacharel não vai trabalhar com educação?” Então o que se está estudando? Então, aí está outra pergunta: “o licenciado não vai trabalhar com educação não formal?”. Assim como temos no segundo tempo, na escola integrada, com uma série de atividades de oficinas e outras atividades que podem se envolver, então, eu acredito que na verdade não fica clara a diferença (E1).

Essa divisão pra mim não é muito clara, porque ela se dá em termos do campo de atuação profissional e eu acho que isso é muito complicado, porque no fundo, um profissional de Educação Física que é formado no bacharelado ele também vai atuar como educador, então dividir isso pelo campo de inserção profissional, se é uma escola ou se é outro tipo de instituição, eu acho que é muito pouco pra caracterizar a ação desse profissional como um todo, daquele que é formado em Educação Física, seja na licenciatura, ou seja, no bacharelado (E4).

Existe um limite expresso na concepção desses sujeitos no que se refere a divisão licenciatura e bacharelado em Educação Física, pois parece que a definição tem relação direta com mercado. Ficou evidenciada pouca clareza sobre a diferenciação nos processos de formação. Silva (2011) afirma que existe por parte de algumas instituições dificuldade em definir as concepções, objetivos e perfis profissionais de seus cursos, que realmente estabeleçam as diferenças entre licenciatura e bacharelado.

Para Silva (2011, p. 82) “isso acontece em parte pela falta de clareza nas resoluções que balizam a formação, mas também pela dificuldade de se enxergar uma formação diferente para um curso que desde sua concepção se utiliza da docência como eixo central em sua intervenção profissional”. Tal circunstância tem gerado nos professores a percepção sobre uma estrutura comum na formação em lazer para ambas as modalidades (conceitos, compreensões, abordagens, teorias). A diferença fica expressa no aspecto da intervenção profissional, ou seja, explicar o contexto do lazer para os licenciados dentro da escola e para os bacharéis nos outros espaços de atuação.

A maior parte das coisas é comum, mas quando eu discuto a intervenção, eu discuto separado. Bom, tô discutindo a perspectiva do bacharelado, mas criança é criança! A criança do clube e a criança da escola é criança! A questão de você discutir a experiência, a imaginação, discutir alguns conceitos do Callois, por exemplo. Eu sinceramente não vejo necessidade de diferenciar, aí eu acabo diferenciando quando eu vou falar com eles sobre essa intervenção deles, são as últimas aulas. Então eu faço algumas diferenças nisso. Eu ainda tenho tentado amadurecer teoricamente, eu penso muito sobre isso, se é uma necessidade de tanta diferença, em algumas disciplinas e aí que são comuns, e aí eu não tenho visto ainda essa necessidade, a não ser quando você discute a intervenção (E3).

Não sei se eu te diria em termos de características. Eu poderia dizer da compreensão do que venha a ser o lazer, então muito mais importante o profissional, tanto o licenciado quanto o bacharel compreender o que é o fenômeno lazer, como ele se articula com a Educação Física, e a partir daí quais as possibilidades que ele vai ter de atuação profissional, tanto na licenciatura, na escola, quanto no bacharelado isso pra mim é o principal. Ele vai ter que compreender que fenômeno é esse e a partir daí sim a intervenção na escola vai ser de um modo e a intervenção de um bacharel vai ser em outro, até porque o campo do bacharel é muito mais amplo (E5).

A ideia em diferenciar as características do lazer para um licenciado e para um bacharel não é tarefa simples, uma vez que repercutiu nas falas o entendimento do lazer como fenômeno abrangente ligado à educação dentro e fora da escola e a formação deve pensar os sujeitos e não apenas os espaços. Mas é necessário ressaltar que em diversos momentos as perspectivas sobre os locais de atuação estiveram presentes nos discursos como algo que deva ser balizado em suas diferenças de aplicabilidade para o licenciado e para o bacharel. Neste sentido as ideias oscilam e é nítida a dificuldade dos professores em situar as diferenças.

Comprendemos que pode haver fragmentações dos saberes sobre o lazer nos cursos de graduação em Educação Física, quando as ações docentes não estiverem pautadas na unidade e coerência de teorias e práticas que expresse os conhecimentos sobre o lazer como um “todo”, amparados em debates coerentes sobre a realidade cotidiana dos alunos.

De fato, o debate sobre a relação teoria e prática é uma questão que tem integrado a problemática da formação profissional em lazer. De acordo com Werneck (1998, p. 05) “a relação teoria-prática constitui uma das questões básicas da formação do educador e um dos

pontos centrais de reflexão na busca de alternativas para a formação profissional, pois, essa relação manifesta os problemas e as contradições da sociedade”. Assim, não podemos perder de vista que as experiências formativas serão aprofundadas ao caminharem de encontro às vivências reflexivas que dialoguem, provoquem dúvidas e despertem o desejo de investigação por parte do aluno.

Werneck (1998) esclarece que a teoria torna-se importante à medida que fixa as experiências de vida nas práticas cotidianas e no processo de análise sobre as questões e os eventos significativos à vida habitual. Os professores dos cursos de graduação em Educação Física podem fazer emergir das práticas cotidianas dos alunos, entendimentos necessários para construir saberes sobre o lazer, pois ele faz parte de suas vidas. O que falta é a oportunidade de debater o lazer como um tempo/espço de conhecimento e reflexão que contribuam para a intervenção na realidade.

Os professores entrevistados aplicam os conhecimentos sobre lazer de forma comum para licenciados e bacharéis elencando temas ligados a identidade do fenômeno lazer pelos conhecimentos de sua história, interesses culturais, conceitos, abordagens e vivências. Nos discursos estão presentes o universo da intervenção profissional como único conteúdo possível de diferenciação. Outro aspecto interessante é a ideia do lazer como possibilidade de educação nos diferentes espaços, o que nos leva a entender que essa discussão não deve ser restrita a escola.

Para os entrevistados, a área do lazer no contexto da Educação Física, tem dialogado com perspectivas interdisciplinares do conhecimento. Tal realidade teve como referências autores como Dumazedier (1979); Camargo (1998); Marcellino (2000); Gomes (2010), entre outros. As construções conceituais desses autores ajudaram a fomentar o campo do lazer na Educação Física traduzindo seus sentidos e significados através dos aspectos: Tempo; Atitude; Espaços e Interesses na lógica do fenômeno como artefato de vivência social e cultural. O que vem garantindo novas pesquisas e reflexões.

A maioria dos sujeitos mostrou possuir bagagem interpretativa sobre os diferentes significados do lazer, efetivamente conquistados por processos de imersão formativa nas ciências humanas e sociais. É importante destacar que todo conhecimento teórico e/ou prático, no cotidiano da docência profissional sofre interferências institucionais (normas, processos e regras) e do imaginário social. No caso do lazer, existe uma visão de que a disciplina é responsável pela oferta de atividades recreativas e instrumentais de jogos, brinquedos e brincadeiras. Os sujeitos apresentam tais situações mostrando-nos os limites e enfrentamentos na construção de seus programas de disciplinas.

Eu penso que os conteúdos que a gente vai trabalhar na licenciatura em muitos casos eles estão voltados pros interesses físico-esportivos embora não precise ser só isso, mas os alunos eles chegam com uma demanda, aqueles da educação física escolar. Eu consigo perceber também a partir do espaço que eu atuo né? Aqui na Universidade Verde como tem essa questão dos alunos estarem preocupados muito mais com o mercado eles vem com uma carência muito grande de repertório de atividades. Eles querem na verdade é o que a gente chamava lá atrás de receita, né? Mas, eles querem muito é o repertório de atividades, um rol de atividades, que eu acho que é importante sim, né? Passar pra eles um rol de atividades, de jogos, de brincadeiras, de possibilidades de intervenção no momento de lazer das pessoas. Mas que não pode ficar só aí, porque tem que existir essa problematização, isso a gente vai fazendo no decorrer das aulas sem também fragmentar teoria e prática. Nas minhas aulas, por exemplo, eu faço jogos com eles dentro de sala, brincadeiras até pra ir puxando a problematização que a gente quer levantar no decorrer das aulas (E6).

O curso ele é organizado em forma de planos. Existe uma pessoa que faz o plano, no caso a Instituição Universidade Amarela, ela tem uma base no Rio de Janeiro, então existe um grupo lá que planeja e padroniza isso. Isso eu considero um problema e acho que tem sido um grande problema. Eu acho que de lugar para lugar muda muita coisa e muda muita coisa de turma para turma. Eu tento na medida do possível contemplar o plano, porque eu faço parte da Instituição e eu tenho que ter um compromisso com isso, mas na medida do possível também de forma dialogada com a coordenação, de modo que exista uma ciência sobre isso eu tento adaptar e aí existe uma discussão de jogos, brinquedos e brincadeiras dentro da disciplina que esvazia, que poderia ser mais ampliada se existisse uma disciplina “Jogos, brinquedos e brincadeiras” que não existe e a gente sabe que existem vários currículos de Educação Física que possuem, porque aí é outra possibilidade de se discutir uma coisa que é muito importante na área (E9).

Os professores lidam com os estigmas sobre o lazer buscando soluções que avancem para níveis superiores de conhecimentos, mesmo com as dificuldades e percalços nessa trajetória. A visão prática e instrumental dos alunos sobre a disciplina e as dificuldades institucionais que engessam os planejamentos não impede os professores de refletir sobre o lazer como possibilidade de problematização cultural. Esta situação pode acarretar a desvalorização de determinados saberes e isso tem se tornado cada vez mais comum no ensino superior brasileiro em instituições que priorizam a formação orientada ao mercado e visam o lucro.

Se de um lado temos a temática do lazer envolvida com os interesses do mercado, por outro existem ações de aprofundamento da temática a partir de outros olhares. Como exemplo, citamos a Universidade azul. Para além das disciplinas obrigatórias que fizeram parte da análise neste estudo, há também investimentos em pesquisa e extensão, além da oferta de disciplinas optativas e um programa de pós-graduação específico na área.

Na Universidade Branca, dentro da modalidade bacharelado foi criada uma área de aprofundamento em lazer com disciplinas obrigatórias. São ofertadas três disciplinas: “Educação para o lazer”; “Lazer e cultura” e “Lazer, exercício físico e saúde” no oitavo

período. De acordo com as DCN (2004) fica a critério da instituição de Ensino Superior oferecer um ou mais núcleos temáticos de aprofundamento que articulem as unidades de conhecimento, bem como as experiências que caracterizarão o projeto pedagógico do curso. No caso da Universidade Branca, existe o núcleo de aprofundamento temático em lazer e outro específico para a área do treinamento.

Essa realidade confirma a premissa levantada por Isayama (2010) sobre a existência de iniciativas de algumas universidades, grupos de pesquisa e órgãos públicos que procuram focalizar o lazer de maneira abrangente e contextualizada. No caso, trato do âmbito da formação profissional, levando em consideração que é “necessário lidar com esses saberes por meio não apenas da oferta de disciplinas, mas de uma série de ações expressivas que possam contribuir com uma sólida formação e estreitar vínculos entre essa formação e a intervenção profissional” (p.19). Desta forma, tornam-se relevante para o campo do lazer as estratégias propostas por essas universidades no sentido da ampliação e oferta de perspectivas em ensino, pesquisa e extensão vinculadas em grande parte no espaço de formação do bacharel em Educação Física.

A temática do lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado na Educação Física possui avanços e retrocessos, com ênfases voltadas para o atendimento ao mercado de trabalho, bem como para uma perspectiva de lazer como direito social e dimensão da cultura. Além disso, destacamos o tratamento diferente dado a temática do lazer nos cursos de licenciatura em comparação ao do bacharelado. Existem avanços nas contribuições por parte de algumas universidades que estão investindo em ações de lazer em múltiplas frentes. Há um investimento por parte dos professores também em tratar o lazer como componente da cultura, destacando temas como: Educação, política, formação e atuação profissional, saúde, entre outros, que revelam perspectivas diferenciadas de apropriação dos saberes sobre o lazer na Educação Física.

É importante situar e analisar metodologicamente essas temáticas para entender com profundidade como esses professores articulam teoria e prática no cotidiano do tratamento pedagógico dos conhecimentos. Na análise da categoria a seguir: “Trato metodológico do lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física” trazemos diálogos pertinentes sobre essas metodologias anunciadas por diferentes vertentes curriculares.

Ao analisar as enunciações dos sujeitos entrevistados percebemos diferentes possibilidades metodológicas que variam entre: leitura de textos, aulas expositivas dialogadas, formalização de trabalhos em grupos (estudos dirigidos, debates, mesas redondas, apresentações de vídeos), entre outros. A maioria dos professores destacou que não

estabelecem diferenças na aplicabilidade de metodologias nos cursos de licenciatura e bacharelado.

Na verdade não existe diferença, a metodologia é leitura na aula, trabalho em grupo, faço muito trabalho em grupo, trabalho só o grupo, não grupalmente. Faço práticas em que os alunos desenvolvam uma ou duas ideias centrais que lhes chamaram atenção e que depois troquem a folha com outra dupla ou trio e essa folha vai sendo trocada com outros e vão aperfeiçoando até que todos ao final terminem de uma maneira socializando o que os colegas fizeram, depois de muito trabalhar o tema vamos para as dinâmicas de perguntas, questionando sobre as coisas. Na dinâmica de perguntas, tento fazer perguntas abertas, não perguntas fechadas, para que o aluno faça exposição, trabalho de treino que saibam investigar um tema específico tomando como metodologia um questionário que eles criem algum assunto (E1).

A ideia é que exista diferença, né? A ideia é que eu consiga tentar uma diferenciação da turma, mas trabalho com apenas um plano para ambas as modalidades. Dentro disso existem várias dinâmicas, então em alguns momentos um grupo observa coisas específicas para trazer para a discussão e aí esses grupos trocam outra possibilidade. Eu gosto muito da experiência do filme, apesar de que o filme só faz sentido se houver um diálogo sobre ele e tempo para assistir também, então eu tento trabalhar com alguns filmes dentro dos conteúdos que eu acho mais difícil para o aluno entender. Eu gosto muito também de trabalho em grupo. Eu acho que é uma possibilidade privilegiada para o aluno discutir e reelaborar um conhecimento. Eu uso muitos textos e normalmente eu indico os textos que serão utilizados nas aulas (E9).

As metodologias apontadas pelos docentes envolvem desde a oferta de atividades (repertórios de jogos e brincadeiras) até a discussão de textos com aprofundamento sobre os conteúdos. Isayama (2002) lembra que o ponto positivo é a metodologia possibilitar ações e trabalhos diversificados, o que pode propiciar uma relação diferente entre aluno, professor e conteúdo desenvolvido. Desta forma, as rotinas em sala de aula podem ser facilitadas através da diversificação, tendo em vista que a busca pela qualidade das informações e o empenho dos professores em caracterizar conhecimentos sobre o lazer, pode advir de estratégias que valorizam a experiência cotidiana dos alunos e não fica limitada na aprendizagem “do fazer pelo fazer”, rompendo com a visão sobre o lazer presente em muitas ações universitárias.

Acreditamos que é interessante como prática metodológica estabelecer a aprendizagem, a partir dos saberes dos alunos, dando oportunidade para a apropriação de diferentes perspectivas no contexto a ser ensinado. Assim, é possível organizar um universo próprio de conhecimentos, construído por diálogos, valorizando elementos didáticos no qual o professor emprega uma linguagem de mediação dos conteúdos. Então, antes de desenvolver o conteúdo sobre o lazer é importante interpretar como as experiências cotidianas dos alunos dimensionam as compreensões acerca do lazer na tentativa de ampliar os diálogos e questionamentos em sala de aula.

No entanto, pode ainda existir visões utilitaristas sobre o lazer na formalização dos programas das disciplinas. De acordo com os professores, mesmo trazendo a importância de uma leitura mais aprofundada sobre as teorias do lazer, ainda há perspectivas metodológicas ligadas à oferta de repertório de atividades em parte significativa da carga horária de suas disciplinas. Essa realidade tem relação direta com a concepção de currículo das instituições que esses sujeitos fazem parte. Desta forma, as metodologias ditas pelos docentes não são só escolhas pessoais, mas também institucionais.

Eu tenho encontro de quatro horas de disciplina por semana, então a metodologia é: existe um momento inicial que é teórico mesclado com atividades práticas, então: aula expositiva, mesclada com atividades práticas para que sejam discutidas. As atividades práticas, às vezes acontecem uma atividade por aula e às vezes é um período maior. Então por exemplo: Vai existir uma aula teórica para discussão de construção de brinquedos alternativos e depois uma aula de prática seguida de discussão. A ideia é aula prática não pode ficar só na prática, então tem uma experimentação mesmo. Um processo de experimentação dos alunos na prática que depois é discutido pelo grupo e a ideia é que todos possam participar, então na aula prática para estar presente é necessário participar da aula (E9).

É interessante perceber que apesar da fixação das rotinas vinculadas aos repertórios de atividades recreativas, os professores sinalizam a importância das discussões sobre o lazer no plano teórico que sustentem suas práticas. A aquisição de repertórios de atividades recreativas que não levem em conta, procedimentos reflexivos e bagagem teórica, pode montar um modelo de profissional reduzido à ação, acrítico. Neste sentido, o mercado de trabalho pode receber sujeitos não politizados e desta maneira as transformações sociais necessárias no âmbito da intervenção estarão dificultadas em nosso cotidiano. É fundamental que outros elementos interajam nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física, que tem haver com a sensibilização, tomada de consciência e despertar crítico sobre a realidade da ação profissional.

Outro ponto que destacamos sobre as entrevistas foi o uso de metodologias de projetos de intervenção no campo do lazer relacionado à Educação Física. De acordo com Frago (2005) um projeto de intervenção compreende várias fases, que vai desde o diagnóstico da situação (o problema social existente), passando pelas prioridades de ação (critérios definidos), bem como à análise do público-alvo (correspondente as necessidades de intervenção). Deste modo, deslocando estes conhecimentos para o campo do lazer, existe como premissa de alguns docentes, qualificar licenciados e bacharéis para intervir socialmente em situações que demandem articulações comprometidas para o bem-estar social.

As referências citadas pelos docentes e utilizadas em aula foram: Joffer Dumazedier, Nelson Carvalho Marcellino, Christianne Luce Gomes, Hélder Ferreira Isayama e Victor

Andrade de Melo. Estes autores constam nos discursos dos sujeitos como referencial básico para desenvolver as aulas e aprofundar os conhecimentos sobre o lazer em diferentes perspectivas. É importante lembrar que as disciplinas são ofertadas concomitantemente e não estabelecem diferenciações metodológicas para licenciatura ou bacharelado. Não surgiu nas entrevistas afirmações da separação nesse sentido.

Na última categoria analisada surgem as relações entre currículo, lazer e Educação Física. A divisão de modalidades (licenciatura e bacharelado) trouxe outros conflitos e discussões ainda pouco compreendidas pela maioria das instituições e atores sociais deste contexto. Possibilitar uma análise dessas relações pode ampliar os conhecimentos sobre os currículos dos cursos de graduação em Educação Física, bem como, a compreensão sobre os interesses por detrás das ações institucionais, dos conflitos pedagógicos e das escolhas políticas que interferem nas construções dos programas das disciplinas. As interpretações dos docentes tornam-se importante ferramenta de análise dessa situação devido a pequena produção de pesquisas sobre esta temática.

Nessa perspectiva foi possível perceber que os professores apresentaram diferentes visões sobre a realidade curricular na qual estão inseridos, mostrando que existem tensões na temática sobre o currículo, seja na imposição de programas de disciplinas por parte das instituições ou na pequena valorização do lazer nos currículos, ou ainda na ampliação das possibilidades de se pensar o lazer em aprofundamentos temáticos, bem como no investimento em disciplinas optativas, iniciação científica, projetos de extensão e grupos de pesquisa. Portanto não há como debater as relações curriculares sem propor análises das diferentes ações que compõe o espaço universitário do lazer no contexto dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física.

Surgiu uma multiplicidade de opiniões acerca do lazer no contexto dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física que vão de encontro aos debates sobre currículo, pois, os professores ao indagarem o que podem diferenciar e o que deve ser comum em seus programas, acabam por discutir questões de ordem superior que estão determinadas nas orientações curriculares de seus cursos. Não há clareza sobre o enfoque e definição da diferença nos programas por não visualizarem uma mobilização curricular para tais mudanças dentro dos currículos.

Sendo assim, a possibilidade em não diferenciar os programas está na oferta de cursos de graduação que permitam ao longo da trajetória acadêmica dos estudantes possibilidades de aprofundamentos sobre o lazer em diferentes vertentes de estudos. Quando há uma disciplina apenas ofertada na grade curricular, como é o caso de algumas instituições é preciso esforços

por parte dos professores, na tentativa de qualificar as informações. Todavia, por mais eficazes que sejam os esforços, percebo a necessidade de aprofundamentos no trato do lazer dentro das modalidades, dado a importância da temática e a multiplicidade de ações profissionais que a Educação Física oferece nesse sentido.

Na Universidade Branca, por exemplo, existe uma disciplina introdutória comum que realiza as considerações iniciais sobre a área. Ela diferencia os objetivos entre as modalidades, somada a oferta de uma área de aprofundamento em lazer para bacharéis no último período da graduação que amplia os horizontes de discussão do campo. No aprofundamento são considerados eixos estruturadores das disciplinas as áreas da cultura, educação e saúde, permitindo diálogos interdisciplinares e novas perspectivas de se pensar o mercado da Educação Física pelo lazer. Essa perspectiva pode romper com a hegemonia de estudos sobre o esporte de treinamento que é tradição comum nos bacharelados em Educação Física.

Em outro sentido, o lazer vem sendo legitimado no campo da Educação Física como área multidisciplinar de pesquisa e desenvolvimento de ações que tem ampliado sua entrada e permanência nos currículos (principalmente os do bacharelado). Este fato tem haver com o investimento feito por muitas universidades através de pesquisas em nível de mestrado e/ou doutorado, da criação de grupos de pesquisas que vem dialogando com diferentes áreas, de projetos de extensão que ampliam a intervenção reflexiva no mercado de trabalho e das oportunidades de inserção profissional principalmente pela oferta de serviços de lazer.

Dessa forma, destacamos a ênfase dada ao lazer nos cursos de bacharelado em Educação Física que situam a área como possibilidade científica e acadêmica, ampliando a oferta de disciplinas e as possibilidades de pesquisa, ao passo que na licenciatura o investimento recai na formação para o trabalho escolar. Percebemos também, que a organização desses conhecimentos nos currículos entre as universidades pesquisadas está embasada em diferentes oportunidades de estudo, pesquisa e intervenção, mas em algumas instituições existem propostas do lazer em disciplinas estanques, fixas e voltadas para o desenvolvimento prático de atividades recreativas.

É preciso rever as propostas curriculares, a partir da própria problemática da construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da Educação Básica (2002) e das Diretrizes Curriculares para os Cursos de graduação em Educação Física. A ordenação de tais procedimentos esteve permeada por diferentes pontos de vista marcados por disputas de poder internas e externas à Educação Física. De um lado, membros da comunidade científica engajada a um modelo de formação ampliada e humanística e do outro, sujeitos e instituições que buscam na regulamentação da profissão possibilidades lucrativas.

Isto pode gerar abismos na concepção curricular sobre a Educação Física. Entendemos que houve um processo importante de legitimação da formação de professores para a Educação Básica a partir das DCN de 2001, porém tal circunstância não ampliou as discussões sobre o lazer nos currículos da licenciatura. Os conhecimentos das diferentes áreas ficaram superficializados na concepção geral do curso, uma vez que as resoluções dessas diretrizes tratam dos conteúdos como fim e não como processo. Existe um dimensionamento básico de competências e habilidades que pode gerar saberes limitados e currículos com interesses outros aos de um projeto educacional reflexivo.

De acordo com David (2003) empregar o discurso da competência como única possibilidade de qualificação profissional e educacional acarreta certos riscos para a formação das potencialidades humanas relacionadas à atuação profissional. As políticas públicas para a educação e para a formação de professores e de profissionais devem mediar processos e possibilitar a desmistificação de ideologias dominantes através de saberes que confrontem verdades absolutas postas na realidade do mercado de trabalho em Educação Física.

Neste sentido, apoiado nas ideias de Tardif (2000) sobre um modelo aplicacionista do conhecimento, torna-se possível que as construções curriculares dos cursos de graduação em Educação Física enquadrem os alunos em um sistema disciplinar, constituído por conhecimentos proporcionais, bem como por competências e habilidades que, na maioria das vezes, não se aplicam bem na prática cotidiana. No caso do lazer, essa lógica de conhecimento profissional pode fixar determinadas técnicas que acabam sendo apropriadas pelos alunos como “receitas prontas” para toda e qualquer ação profissional. Porém este “tarefismo” não suporta a totalidade da intervenção profissional, condicionando os sujeitos a determinadas incoerências no planejamento, execução e avaliação de suas ações.

Segundo Tardif (2000) a prática profissional deve estar constituída por um conjunto de saberes que serão realmente utilizados pelos profissionais em seu espaço de atuação englobando conhecimentos, competências, habilidades e atitudes. Este processo pode provocar re-elaboração, interpretação e reflexão dos conhecimentos teóricos e/ou práticos aprendidos na universidade. O exercício dessas funções profissionais pode constituir um processo de formação continuada, que possibilitará aos sujeitos capacidade criadora para soluções adequadas às diferentes situações que surgirem no cotidiano.

A fixação de competências e habilidades específicas para formação do graduado em Educação Física levou determinadas instituições no âmbito civil e acadêmico (CONFED, CREF, Universidades abertas ao capital, entre outras) a apresentarem a ideia de que o curso de bacharelado em Educação Física lida com saberes privilegiados em relação à licenciatura.

Isso tem reduzido a lógica de formação aos interesses imediatos das corporações que visam lucrar com a propagação de saberes em uma tradição prática arraigada, limitada a comercialização de diplomas sem uma preocupação específica da consolidação e organização dos saberes acadêmicos, causando incoerência nos programas das disciplinas. Isayama (2002) lembra que é importante lidar com esses saberes não apenas a partir da oferta de disciplinas, mas através de uma série de ações expressivas que possam contribuir com uma sólida formação, e estreitar vínculos entre a formação e a intervenção profissionais.

Foi possível perceber que as instituições têm orientado os alunos a cursarem as modalidades concomitantemente, não levando em conta os conhecimentos das disciplinas, mas a possibilidade de conclusão das duas modalidades de forma facilitada. Assim, ofertam várias disciplinas comuns, incluído aí as disciplinas relacionadas ao lazer e no fim restam poucas disciplinas que efetivamente não podem ser ofertadas concomitantemente (geralmente disciplinas do bacharelado com ênfase no treinamento e fitness. Na licenciatura às relacionadas ao conhecimento pedagógico e às práticas de ensino escolares).

Os alunos até podem fazer os dois cursos concomitantemente, mas no bacharelado vão aparecer mais disciplinas de lazer que ter haver com a educação física, esporte, lazer, infância e adolescência, gestão de lazer, políticas públicas de lazer e o aprofundamento. Eu acho que aqui na Universidade Branca a gente deu um jeito muito interessante, mas a gente paga um preço por isso, nós e os alunos, porque o curso da tarde, ele começa uma e meia e termina quase sete horas da noite. São seis aulas por dia e da noite começa as cinco para terminar às dez e meia da noite, também com seis aulas, sendo que em um período a gente tem aula de sábado de manhã, mas o aluno consegue. Se ele for um aluno regular ele consegue fazer as duas habilitações em quatro anos, três anos e meio a licenciatura e quatro anos o bacharelado (E5).

A entrada aqui é única. Aqui o projeto pedagógico é impressionante! A entrada é única e ainda mantém aquela coisa do: “três mais um”. Não sei como é que eles conseguiram isso. O aluno forma em três anos e consegue sair com a licenciatura e faz mais um ano e sai com o bacharelado também (E6).

Essa realidade mostra como os ordenamentos legais são ajustados e/ou ajustáveis pelos interesses das pessoas e instituições. Existe a determinação legal em ofertar os cursos de Educação Física com diferenciação de modalidades, todavia os entrevistados trouxeram realidades institucionais que apostam em uma lógica de captação de alunos, na qual o que vale é a facilidade da oferta e agilidade na conclusão dos cursos. Assim, as ações podem centrar-se na ideia de operacionalidade que visa lucro, deixando em segundo plano propostas pedagógicas que talvez fossem pertinentes ao contexto.

Concordamos com Freire (1997) que a qualidade na educação tem haver com o entendimento de que as práticas educativas, conseqüentemente as lógicas curriculares, não são

neutras, descomprometidas ou apolíticas. Para a edificação de um projeto de formação humana com o objetivo de formar para a autonomia e liberdade, os sujeitos não podem ser reduzidos a procedimentos técnicos e mecânicos de transmissão de conhecimentos. Necessitamos de uma prática educativa e social que respeite os gostos, pensamentos, receios, desejos e curiosidades dos alunos entendendo-os como sujeitos culturais.

Assim, interpretamos que a formação do professor e do profissional da Educação Física deve acontecer, principalmente, na possibilidade de atuação crítica desse indivíduo no mundo, levando em conta as circunstâncias cotidianas nas quais se encontra: suas dificuldades, suas singularidades e sua interação com o todo. A partir desse tipo de formação podem ser estabelecidas alternativas para superar o *status quo* vigente, na expectativa da melhoria da qualidade de vida da população através do lazer nos diferentes espaços sociais. Implica estabelecer currículos de formação profissional que possam dar entendimento sobre a lógica de mercado. Mas para isso são necessários novos ordenamentos que levem em consideração possibilidades de transformação social.

Neste sentido, uma parcela dos entrevistados entendem ser necessário diferenciar os programas das disciplinas sobre lazer no que se refere as duas modalidades, pois acreditam que dessa forma haveriam possibilidades de discussão sobre os conteúdos do lazer especificamente para cada modalidade.

Eu acredito que eles têm de ser diferentes, por exemplo, eu estou utilizando um livro para o tema “lazer e educação profissional”, estou utilizando o livro do Hélder, o livro “Gestão de lazer” que foi preparado para o SESI, mas esse livro é um livro que tem haver muito com empresa, é distinto se eu estivesse trabalhando, desenvolvendo uma formação e atuação profissional para a licenciatura, eu teria que focalizar a escola, metodologias para a escola, como por exemplo, desenvolver a capacidade para que eles consigam atingir esse universo específico que é o universo da escola, então eu acredito que tem de ter um diferenciação e neste caso eu não fiz essa diferenciação por que somente trabalhei para alunos de bacharelado (E1).

Eu acho que tem que diferenciar sim, eu aposto nessa diferenciação e cada vez tentar qualificar mais, eu acho que a gente tá ainda na experiência de um currículo em vigência, vamos tentar qualificar mais e é isso... Eu acho que, por exemplo, o campo do lazer deixa a desejar aqui... Se você for ver nós oferecemos poucas disciplinas em lazer, principalmente para atuação no mercado, entendeu? Principalmente para atuação no mercado! Tá tendo muito formação de pesquisador, mas nós oferecemos poucas disciplinas no que se refere a isso. Nós não temos nada de política sobre isso (E3).

Não, eu não acho. Eu não acho que devem ser os mesmos. Eu trabalho em uma instituição onde são os mesmos. Se o aluno resolvesse fazer o bacharelado. Por exemplo: Ele esta na licenciatura, terminou a licenciatura, se ele resolvesse fazer o bacharel ele tinha que fazer o lazer de novo. Com o enfoque no bacharelado. O que tenho hoje é um plano de ensino para as duas modalidades (E9).

Outra parcela crê em uma concepção de conhecimento pautada na apreensão crítica e na construção de repertório de vivências, nas quais a importância do lazer é fazer com que o aluno tenha experiências de uma cultura reflexiva, na tentativa de superar os modismos temporários ou ações movidas por interesses hegemônicos. A visão de diferenciação dos programas, apenas por espaços de atuação (escola e fora da escola), não dá conta da diversidade do fenômeno lazer e, portanto deve ser questionada e relativizada.

Na licenciatura, provavelmente eu trabalharia as mesmas atividades com a discussão da escola, da formação dos alunos. Eu faria a mesma coisa que faço no aprofundamento em lazer do bacharelado. Trabalharia na licenciatura: o cinema na escola, o teatro na escola. De certa forma a gente até faz isso né? Por que temos alunos que estão lá na licenciatura e no bacharelado e aí falo disso também, mas o tom da conversa seria outro, seria o universo escolar, como que essas práticas todas poderiam estar contribuindo pro desenvolvimento do conhecimento sobre as práticas corporais inseridas da cultura corporal, então o tom seria outro. Eu acho que é uma pena mesmo, quem faz a licenciatura e não passa por essas experiências, por isso que eu sempre abro, a gente vai até fazer e até já conversei com os alunos do oitavo, nós vamos fazer uma agenda semanal que nós vamos pregar no quadro aqui para todos os alunos verem o que esta acontecendo na cidade ou no entorno e aí depender do interesse do próprio aluno e da capacidade dele de perceber que isso é conhecimento, que isso faz parte da formação do aluno da escola também e que ele precisa desenvolver, seria in (E5).

Eu acho que a gente vem de uma coisa histórica na Educação Física que é existir essa dicotomia, lazer e esporte; licenciatura e bacharel. Existe! E talvez ela tenha até uma função grande em termos profissionais pra você, em termos de atuação, mas eu acredito que tudo passa por um conhecimento e eu acho que hoje o mercado. O que eu acho é o seguinte: Hoje o mercado ele não quer só um cara bom. Ele quer um cara bom, mas cara bom tem muito. Ele quer uma pessoa boa e diferente. Um cara que seja bom, mas que possa oferecer uma coisa que o outro não oferece e eu acho que esse cara é o cara que transita bem com o conhecimento como um todo. Ele vai saber e não pode ser a especialidade dele o lazer, pode não ser o treinamento esportivo, mas é o cara que é especialista generalista. Conhece sim, profundamente o lazer, contar teorias, autores, vai te falar isso profundamente, mas ele não perde a visão do todo, ele não perde como aquilo lá, aquele estudo é tão específico é tão profundamente pode ser utilizado em qualquer outra área e desses caras surgem as grandes coisas (E8).

A primeira alternativa é estabelecer projetos políticos pedagógicos que especifiquem a interdisciplinaridade do lazer como objeto de estudos da Educação Física atentando para as relações com os campos da educação, saúde, cultura, sociedade, política, esporte, entre outros. Ampliar os debates sobre formação profissional em Educação Física e lazer esclarecendo as peculiaridades do mercado de trabalho, da regulação da profissão e das possibilidades de inserção na atuação. Consolidar outras ações para além das matérias disciplinares, como projetos de pesquisa, extensão, visitas técnicas, participação em eventos. Isso pode criar situações de aprendizagem interessantes, a partir de experiências extramuros da universidade.

Para tanto, é necessário compreender que os saberes e a realidade cotidiana dos professores possuem relação intrínseca com os currículos, os espaços de trabalho, sua formação básica e continuada, corporificando os programas de ensino para além da palavra escrita. Assim, o valor dado ao conhecimento em sala de aula sofre interferência de diferentes âmbitos e condições, mas efetivamente quem decide acomodar ou transformar a prática profissional cotidiana são os docentes responsáveis pelas disciplinas. Claro que dentro dos limites impostos e das condições possíveis.

Entendemos que toda a discussão que envolve currículo coloca em evidência múltiplas relações de poder. Os interesses que estão em jogo, tudo aquilo que faz parte de um processo de discussão curricular é definido nas relações que estão configuradas nos momentos de elaboração, execução e avaliação em diversas instâncias de poder, nos órgãos colegiados e também nas decisões que envolvem a comunidade acadêmica na forma de representação. Neste sentido, alguns conteúdos são privilegiados e outros não.

Concordamos com Silva (1995, p. 195) que “as narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo”. Assim, as narrativas contidas nos currículos da Educação Física marcadas pelas diferenças entre licenciatura e bacharelado possuem propósitos não neutros que necessitam revisões no que tange sua organização e coerência nas necessidades dos profissionais para uma sólida intervenção profissional em qualquer espaço de atuação.

Consideramos que essas questões devem contribuir com a formação do profissional de maneira que despertem atitudes e entendimentos sobre o lazer no contexto da Educação Física e da sociedade. Para além da separação das modalidades, percebemos que um caminho interessante seria comprometermo-nos com uma formação que dê aos sujeitos atitudes para envolvimento cultural e sensibilização política no que tange uma democratização consciente sobre o lazer como fenômeno de emancipação. Portanto é necessário o debate, os aprofundamentos em pesquisas curriculares e os estudos multidisciplinares, no intuito de validar perspectivas e confrontar a realidade do lazer nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física.

4. Considerações Finais

Neste estudo, procuramos discutir o trabalho desenvolvido nas disciplinas sobre Lazer dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física de IES públicas e privadas em Belo Horizonte/MG que ofereciam as duas modalidades concomitantemente. A expectativa foi compreender a formação em lazer oferecida nos cursos de licenciatura e bacharelado da Educação Física, analisando suas diferenças, similaridades e finalidades, bem como discutir as relações entre os discursos e as práticas na aplicabilidade dos programas das disciplinas sobre o lazer.

Foi possível constatar que as diferenças nas propostas são pequenas. Nas disciplinas introdutórias dos cursos, o lazer é apresentado de forma comum e generalista e em alguns casos, a ênfase recai na oferta de conteúdos físico-esportivos. Todavia, foi percebido que os professores mobilizam esforços para além dessa perspectiva, criando outras possibilidades de ação/reflexão/ação através de metodologias diversificadas que se utilizam dos projetos de intervenção como estratégia.

A linha de diferenciação é tênue e está marcada na argumentação sobre questões relacionadas à intervenção profissional. O discurso sobre os espaços de atuação (escola e fora da escola) centraliza-se nessa lógica, porém repleto de incertezas e dúvidas e o lazer foi encarado como fenômeno social e possibilidade de formação cultural relacionada à educação. Desta forma, limitar seus estudos a uma ou outra modalidade é algo a ser questionado, quando pensamos em um ensino que pretenda desenvolver pressupostos políticos, reflexivos e para autonomia.

Foram observados maiores investimentos sobre o lazer nos cursos de bacharelado, em ações como: Aprofundamento temático; Disciplinas específicas; Incentivo às pesquisas na graduação. Isso tem possibilitado a ampliação das discussões interdisciplinares do lazer no campo da Educação Física. Por outro lado, há pouca visibilidade do lazer nos cursos de licenciatura e talvez isso ocorra pelo perfil de oferta dos currículos na atualidade. Notamos que as matrizes curriculares são organizadas para facilitar o aproveitamento de disciplinas “ditas” comuns e os alunos poderem cursar as modalidades concomitantemente, concluindo as duas habilitações em quatro anos.

Os saberes, tanto para licenciados quanto para bacharéis, estão sendo constituídos na totalidade dos conhecimentos sobre o lazer. Uma constatação interessante foi a importância dada a formação cultural dos alunos. Ao fazer a teoria emergir da prática cotidiana, os entendimentos tornam-se facilitados à medida que os discentes se apropriam dos textos, obras e autores sobre o lazer. O que não configura tarefa simples, uma vez que foi nítida a preocupação dos entrevistados sobre o perfil dos acadêmicos que tem chegado às

universidades com baixo potencial compreensivo, dificuldade na leitura de textos científicos e visões reducionistas de mundo e sociedade.

Os professores demonstraram estabelecer relações teórico-práticas coerentes, que vão desde os debates em torno da história sobre o lazer, conceitos, concepções, interesses culturais, apropriação de repertório de jogos e brincadeiras, até o estabelecimento da interdisciplinaridade com os campos da cultura, saúde e educação. Constatamos que o limite expresso na concepção sobre o lazer dentro dos cursos de licenciatura e bacharelado na Educação Física é anunciado apenas na questão dos campos de atuação profissional, ou seja, entender o lazer: seus conteúdos, interesses, histórico, concepções e significados é algo comum para ambas as modalidades, encerrando a diferença unilateralmente entre ambiente escolar e não escolar.

Percebemos isto como algo limitador, pois não mostra sustentação epistemológica para legitimar a separação dos cursos ou dos programas das disciplinas, além disso, ficou marcada no pensamento dos docentes entrevistados uma formação ampliada, na qual o lazer estaria inserido no todo e não fragmentado em categorias reguladas pela atuação no mercado. No entanto, existem relações de poder em sintonia com pressupostos curriculares que atendem as lógicas do ensino superior brasileiro aberto às perspectivas do capital, da formação aligeirada e da lucratividade medida pela captação de alunos.

Neste sentido, visualizamos as fronteiras desse estudo ao analisar apenas os discursos dos professores universitários. Há uma complexidade de conflitos ideológicos, políticos, sociais e econômicos na área da Educação Física. Entendemos que existem outros aspectos e outros elementos que deveriam ser considerados na formação profissional em Educação Física e essa questão precisa ser debatida no âmbito dos cursos de graduação, pelos profissionais e instituições que estão envolvidas nesse campo.

Percebemos essa demanda como algo muito complexo e permeado de dúvidas. Portanto, aprofundar esse tema é relevante e torna-se necessário envolver outros setores da sociedade para qualificar os processos formativos em Educação Física. Destacamos a necessidade do encontro com outros atores sociais deste contexto (Coordenadores de curso; gestores universitários, alunos; dirigentes do Conselho Federal da Educação Física, bem como os dirigentes regionais) que constituem as políticas, as decisões, os interesses e as práticas curriculares da Educação Física em diferentes níveis de poder e apoderamento social. Ouvir, coletar e analisar as opiniões destes grupos, frente à realidade da separação de modalidades da Educação Física pode contribuir para ampliarmos os debates a partir da confrontação dos

interesses postos em jogo e da materialização das situações que envolvem a constituição dos currículos da Educação Física na forma como se apresentam hoje.

Em meio às diferentes questões observadas, enfatizamos duas situações relevantes para o aprofundamento em novas pesquisas que tenham como pressuposto uma investigação curricular do ponto de vista das políticas de formação para o ensino superior. A primeira diz respeito à constituição do mercado de trabalho em Educação Física, permeada por uma lógica fragmentada, aberta ao capital e que investe dia a dia em estratégias vinculadas prioritariamente ao lucro, inclusive dentro do próprio mercado universitário, com a expansão acelerada da oferta de cursos por todo o país. A segunda tem haver com a aparente desconsideração profissional sobre as licenciaturas em Educação Física e os crescentes investimentos nos cursos de bacharelado que vem ampliando os abismos dentro da área legitimados por Diretrizes Curriculares Nacionais com falhas conceituais e estratégicas.

Relativizamos que para a formação de um professor e profissional da Educação Física, seja aquele que vai trabalhar na escola ou em outros espaços, a formação deve estar sustentada em uma perspectiva cultural sólida e diversificada. Neste sentido, haverá possibilidade de uma intervenção pautada no conhecimento dialógico e multidisciplinar. Algo que possa realmente sensibilizar o graduando em Educação Física como experiência transformadora, fazendo com que este sujeito sintam-se respaldado criticamente para intervir no mercado, bem como incentivando o ecletismo de suas experiências culturais na ampliação da visão de mundo e de sociedade deste sujeito.

Não pretendemos defender uma formação com ênfase para uma ou outra modalidade. Pensamos em uma formação ampliada no sentido da aquisição de conhecimentos, na qual os indivíduos ao final da graduação deem conta da totalidade dos saberes da área, seja correlacionada à educação, à saúde, ao lazer, ao esporte, ao treinamento, ou a qualquer outra especificidade da cultura corporal, todavia em propostas disciplinares onde a ação docente esteja embasada no compromisso em formar os indivíduos para a totalidade crítica das informações descaracterizando paradigmas positivistas da área.

Consideramos que a área do lazer avançou nos últimos anos, principalmente por materializar-se como um campo interdisciplinar de conhecimentos. A Educação Física beneficia-se deste processo, ao acolher outras formas de visualizar as atividades humanas de movimento por correntes de pensamento da sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, arte, entre tantas outras. A apropriação desses conhecimentos pelos professores universitários tem qualificado os debates acadêmicos.

Concluimos desta forma, que o lazer constitui-se como campo de mobilização política, cultural e ideológica para a área da Educação Física na medida em que suas ações vêm sendo legitimadas por diferentes possibilidades de ensino, pesquisa e extensão, principalmente na formação dos bacharéis em Educação Física. As legislações curriculares que dão sustentabilidade a diferenciação da área são frágeis e devem ser repensadas.

Necessitamos ampliar as discussões sobre a problemática encontrada no cotidiano da formalização de programas e propostas das disciplinas nestes cursos, bem como a emergência em revisar os ordenamentos legais, no sentido da ampliação dos conhecimentos sobre o lazer nas licenciaturas. Acreditamos que a definição de saberes que estejam sustentados em uma formação profissional com ênfase na apreensão de conhecimentos reflexivos e críticos, consiga preparar os sujeitos para o processo de formação continuada, aptos a lidar com as contradições e contratempos sociais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70. 2009.
- BRASIL. Parecer N. CNE/CES 0058/2004, de 18 de fevereiro de 2004, do Conselho Federal de Educação. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física**. 2004.
- BRASIL. Parecer N. CNE/CES 0138/2002, de 25 de abril de 2002, do Conselho Federal de Educação. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física**, 2002.
- BRASIL. parecer CP n.009, de 08/05/2001. **Institui as DCN para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível Superior, curso de licenciatura, de graduação plena**, 2001.
- CAMARGO, Luiz Octávio de L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DAVID, Nivaldo Antonio Nogueira. **Novos ordenamentos legais e a formação de professores de Educação Física**: pressupostos de uma nova pedagogia de Resultados. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas: [s.n], 2003.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FRAGOSO, A. Desenvolvimento Participativo: uma sugestão de reformulação conceptual. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 18, n.1, p. 23-51, abr/jun, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- GOMES, Christianne. A contribuição da pesquisa para a formação profissional em lazer. In: Hélder Ferreira Isayama. (Org.). **Lazer em estudo**: Currículo e formação profissional. Campinas: Papyrus, 2010, v. 1, p. 87-102.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Recreação e Lazer com integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de Campinas, 2002.

_____. **Lazer em estudo**: Currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.

_____. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p125-133, 2000.

MELO, Victor Andrade de. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis – um enfoque na questão da formação. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: Um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, v.22, n. 74, Abril/2001.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. Licenciatura e bacharelado em Educação Física: Diferenças e semelhanças. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 124, p. 76-84, set., 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p.190-207.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 05-24, Jan/Fev/Mar/Abr, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

WERNECK, Christianne L.G. A formação profissional no lazer em nossa moderna sociedade: Repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.47-65, set, 1998.

Endereço dos Autores:

Rodrigo de Oliveira Gomes
Rua Juscelino Kubitschek 199 Santa Rita
Bom Despacho – MG – 35600-000
Endereço Eletrônico: digimgomes@yahoo.com.br

Hélder Ferreira Isayama
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: helderisayama@yahoo.com.br